



# A ESTRATÉGIA DO TRATAMENTO AS DROGAS ATRAVÉS DA REDUÇÃO DE DANOS: uma reflexão acerca do documentário 'Crack, repensar'.

DOI: 10.22289/2446-922X.V4N1A12

Júnia Galvão Amaral<sup>1</sup>

Gilmar Antoniassi Junior

Juliana Amorim Pacheco de Oliveira

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi de refletir a estratégia de tratamento ao uso das drogas sob a perspectiva da redução de danos, através da observação do documentário 'Crack, repensar'. Como método de pesquisa utilizou-se o delineamento qualitativo de estudo de caso de natureza bibliográfica através do método de história oral, mediante os dados narrados no documentário. As reflexões acerca das observações do documentário, resultará nas considerações articuladas ao pensamento analítico frente as estratégias de redução de danos no tratamento do uso abusivo das drogas, no contexto da saúde pública do Brasil. Os resultados e a discussões apontam que as drogas psicotrópicas como substâncias, provocam alteração no sistema nervoso central, onde 6% da população geral apresentam transtornos psicológicos graves decorrentes ao uso de álcool e outras drogas, o que origina prejuízos externos e internos na vida rotineira das pessoas. É por meio da estratégia da redução de danos (RD) que se promove melhorias na vida do usuário e conseqüentemente no âmbito social. Considera-se que esta, busca possibilitar o direito e a responsabilidade da pessoa diante de sua vida, onde o usuário é tratado de forma única, de acordo com a sua singularidade, desfocando da abstinência total do uso da droga. É um conjunto de atitudes, posturas e políticas públicas, que contribuem para a transformação da visão do mundo diante das drogas, tornando possível o diálogo entre a sociedade e o usuário.

**Palavras-chave:** Redução de Danos; Drogas; Estratégias.

## ABSTRACT

The objective of this study was to reflect the strategies of treatment to the use of drugs through the reduction of damages, through the observation of the documentary 'Crack, rethink'. As a research method, the qualitative study of a case study of a bibliographic nature using the oral history method was used, using the data narrated in the documentary 'Crack, rethinking'. The reflections about the observations of the documentary, will result in the articulated

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico de contato: juniagamaraal@hotmail.com

Recebido em 23/10/2017. Aprovado pelo Conselho Editorial e aceito para publicação em 26/10/2017.



considerations to the analytical thought before the strategies of harm reduction of the use of the drugs, in the context of the public health of Brazil. The results and discussions point to psychotropic drugs as substances that make alterations in the central nervous system, whose 6% of the general population demonstrate serious psychological disorders resulting from the use of alcohol and other drugs influencing external and internal damages in the routine life of the people. And through the strategy of harm reduction (DR) that promotes improvements in the life of the user and consequently in the social scope. It is considered that RD seeks to enable the right and responsibility of the person in front of his life, treating the user in a unique way, according to his singularity, blurring abstinence. It is a set of public attitudes, attitudes and policies that contribute to the transformation of the world view of drugs, making possible the dialogue between society and the user.

**Keywords:** Harm Reduction; Drugs; Strategies.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, o uso abusivo de substâncias psicoativas tem se mostrado uma problemática complexa, onde se faz necessário intervenções políticas, já que gera prejuízos nas esferas afetivas, educativas, produtivas, econômicas, da saúde.

Tanto o consumo de drogas lícitas e ilícitas quanto o tráfico, deixam marcas negativas como problemas familiares, mortes, violência, perdas afetivas, se constituindo como um problema social, com reflexos também na saúde pública (Souza e Kantorski, 2007).

A Redução de Danos (RD) teve início no Brasil no ano de 1989, como estratégia de saúde pública adotada no município de Santos-SP, uma vez que pesquisas divulgadas pelo Ministério da Saúde indicavam que 25% dos casos de AIDS no Brasil, estavam associados ao uso de seringas compartilhadas pelos usuários de drogas injetáveis. Diante desta realidade, fez-se necessário a urgência na execução de um projeto visando a resolução deste problema, o que acarretou na criação do Programa de fornecimento de seringas descartáveis (Passos & Souza, 2011; Souza & Carvalho, 2014).

Os dados epidemiológicos exigiam que a RD deixasse de ser uma ação apenas do município de Santos e se tornasse uma ação a nível Nacional, sendo implantados também em outros Estados Brasileiros. Em 2013, a Redução de Danos deixa de ser um programa exclusivo de DST/AIDS para se tornar uma estratégia política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas, associada à Saúde Mental, ampliando as ofertas em saúde para a população usuária de drogas. Ou seja, de prevenção para o tratamento (Passos & Souza, 2011).

No tratamento, a RD se denomina como uma estratégia que busca possibilitar o direito e a responsabilidade do usuário de drogas diante de sua vida. Nos dias de hoje, se trata de um conjunto de atitudes, posturas e políticas públicas para realizar o enfrentamento



de eventuais problemas originados deste uso, o que pode contribuir para a transformação da visão das pessoas diante às mesmas, tornando possível o diálogo entre a sociedade e o usuário.

Busca também trabalhar a prevenção de HIV, hepatites virais, a diminuição da violência, promoção de saúde, juntamente com os próprios usuários, com apoio e incentivo para a diminuição das drogas (Conte, Mayer. R. T. P; Reverbel.C; Zbruzzi. C; Menezes. C. B; Alves. G. T; et al; 2004).

O século XX foi marcado pelo chamado Holocausto Brasileiro, onde alcoolistas, homossexuais, prostitutas, epiléticos, pessoas sem nenhum diagnóstico de doenças mentais, foram enviados aos manicômios, e dentre eles, o Hospital Colônia de Barbacena. Homens, mulheres, crianças, eram espancados e violados, dormiam sobre capim, comiam ratos, bebiam urina, viviam em um estado deplorável, em condições sub-humanas (Aberx, 2013).

Buscando amenizar este cenário, em 1979 Paulo Delgado, sociólogo com pós-graduação em ciências políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), filiou-se ao partido dos trabalhadores e iniciou a sua trajetória política. Percebeu que se fazia necessário abraçar alguma causa que enaltecesse seu trabalho, e juntamente com seu irmão, o psiquiatra Pedro Gabriel Delgado, abraçaram esta causa (Larentis, C. P, & Maggi, A. 2012).

Paulo se tornou o “deputado dos doentes mentais”. Mais tarde, Pedro assume o cargo de Coordenador Nacional de Saúde Mental Álcool e Outras Drogas do Ministério da Saúde. Em 1989, o deputado apresentou ao Congresso Nacional o projeto de lei nº 3.657, com a proposta de regulamentação dos direitos das pessoas com transtorno mentais e a extinção progressiva dos manicômios no País (Aberx, 2013).

Na década de 1970, no Brasil, os trabalhadores em saúde mental iniciaram um movimento social, denunciando a situação precária dos manicômios, com intuito de acabar com essa forma de tratamento. No fim da década de 1980 já começa os movimentos de serviços substitutivos, que priorizava o tratamento mais humanizado, surgindo assim os Centros de Atenção Psicossocial- CAPS (Larentis, C. P, & Maggi, A. 2012).

Entretanto, somente em 2001, quando foi aprovada e sancionada a Lei da Saúde Mental, que leva o nome de Paulo Delgado, é que houve a desinstitucionalização e consolidação dos CAPS (Larentis, C. P, & Maggi, A. 2012).

Segundo Larentis e Maggi (2012), o CAPS é uma instituição governamental que visa acolher e tratar pacientes com transtornos mentais, estimulando a sua integração na sociedade, com oferta de atendimento médico, psicológico, terapêutica e de assistência social.



Em março de 2002, surge o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas-CAPS-ad, onde são oferecidos atendimentos para pacientes que tenham transtornos mentais decorrentes do uso de álcool e outras drogas, com disponibilização de três tipos de atendimentos: o intensivo, o semi-intensivo e o não intensivo. Esse serviço prioriza atendimentos mais humanizados, que visam à liberdade e autonomia dos pacientes no seu tratamento e na sua vida familiar e social (Larentis, C. P, & Maggi, A. 2012).

Drogas psicotrópicas são quaisquer substâncias que alteram o sistema nervoso central, classificando-se como drogas estimulantes, depressoras e perturbadoras do mesmo. Estudos feitos em 2004 mostram que 10% da população urbana brasileira fazem uso abusivo destas e dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), apontam que 6% da população geral apresentam transtornos psicológicos graves decorrentes deste uso (Neves, E. A. S., & Segatto, M. L. 2010).

Diante desta realidade, o presente estudo se justifica pela necessidade de entender as intervenções feitas através da redução de danos, a forma como se trabalha e a sua efetividade diante dos problemas causados, tanto individualmente quanto socialmente. Para este fim, buscou-se a reflexão destas estratégias no tratamento de uso das drogas através da observação do documentário *'Crack, repensar'*.

Utilizou-se um delineamento qualitativo de estudo de caso de natureza bibliográfica, através do método de história oral, mediante os dados narrados no documentário *'Crack, repensar'*. Trata-se de uma produção da Fiocruz, dirigido por Felipe Crepker Vieira e Rubens Pássaro, distribuída pela Vídeo Saúde / Fiocruz em 2015.

A escolha do documentário se deu devido apresentar as ponderações em torno de uma sociedade repleta de dependentes, indagações a cerca da redução de danos, internação compulsória e a regulação das drogas, temas que precisam ser repensados.

Esta é a proposta do documentário "Crack, repensar", que reúne depoimentos de usuários, ex-usuários, especialistas em saúde pública, acadêmicos, gestores e profissionais que atuam na promoção da justiça em um polêmico debate sobre como conviver com as drogas em nossa sociedade (Fiocruz, 2015).

As reflexões acerca das observações do documentário, resultará nas considerações articulada ao pensamento analítico frente as estratégias de redução de danos do uso das drogas, no contexto da saúde pública do Brasil.

O documentário aborda histórias de usuários de crack, com relatos de vidas, ressaltando a visão de profissionais frente aos usuários e julgamentos sociais que são expostos àqueles que estão envolvidos com as drogas. Inicialmente, um ex usuário conta



como foi seu primeiro contato com o crack, diz ter sido apresentado por um amigo que havia saído da casa de detenção a dois dias.

Este havia aprendido a fazer o crack misturando em uma colher a cocaína, bicarbonato e um pouco de água, levando ao fogo o que fez virar um óleo, que ao ser jogado no papel higiênico, se transformou instantaneamente em cristais, cuja a forma de uso é ser fumado em latas.

O ex usuário apresentado no documentário, por sua vez, é um rapaz que sempre possuiu trabalho e renda fixa. Este exemplo demonstra a possibilidade do uso sem esquecer as responsabilidades e afazeres, dominando assim, o uso de forma recreativa, sem atrapalhar sua vida social.

No primeiro momento o uso de drogas, acaba trazendo algumas compensações para o indivíduo, por isso não se deve dizer que a droga chega na vida do usuário sem ser convidada, porque para o sujeito que está iniciando, ela traz uma satisfação sem igual, ludibriando e impossibilitando-o de perceber o que está por vir.

Em muitos casos o indivíduo só consegue perceber o mal que lhe causa quando chegam em sua vida as consequências graves. Portanto, abordar esse tema dizendo simplesmente que a droga faz mal, não é o bastante, é necessário deixar claro para o usuário quando e como ela está prejudicando-o (Sodelli, 2010).

A psicanálise explica que o amor primitivo é inconsequente e tem propósitos destrutivos, levando a criança a se desafiar para conseguir descobrir os seus limites, porém, ela não percebe que não tem estrutura forte o bastante para enfrentar e tolerar os seus instintos de modo que não prejudique a si mesma. Não é regra, mas geralmente o primeiro contato com o mundo das drogas é feito na passagem da fase da infância para a adolescência, pois a relação com o mundo externo ainda não está enraizada na personalidade do sujeito (Martins & Pillon, 2008).

No documentário, os psiquiatras Arthur Guerra e Dartiu Xavier, explicam o que o crack é a cocaína em sua forma mais apurada, por isso é mais forte, o que causa um maior impacto se fumado em latas ou cachimbo, cujo o efeito é rápido e intenso, com durabilidade entre 10 a 15 minutos.

Ainda de acordo com os mesmos, a relação entre o ser humano e o vício, aponta que nem todos estão propícios a se viciarem, e pode haver usuários que não se tornam dependentes. Pessoas com estabilidade financeira, base familiar, acesso a informação, dentre outros, estão menos propensas ao vício; já pessoas em situação de rua, vulnerabilidade, instabilidade emocional, financeira e até a falta de informações, pode levá-las a ser mais propensa ao vício.



Mas só estes fatores não podem ser considerados uma indicação ao uso, pois estudos apontam também que o uso recreativo pode ser o preditor para o uso abusivo até chegar à dependência, configurado no impulso que leva o sujeito a usar ou fazer algo de forma periódica ou até mesmo contínua para se obter prazer, como uma saída para a diminuição da tensão, da ansiedade, do medo.

Diante desta realidade, não é possível afirmar que as drogas são substâncias ruins, pois muitas vezes causam prazer ao usuário, mesmo que momentâneo, e é exatamente este fato que faz com que o consumo se torne maior e mais frequente.

Entretanto, a questão da dependência é relativa, estudos indicam que de quatro usuários de drogas, apenas um se torna dependente. Drogas são viciáveis, entretanto, não são todos os seres humanos que estão sujeitos ao vício (Rosa, B. S., Antoniassi Junior, G. 2017).

Crianças e adolescentes são os mais vulneráveis devido ao fato de estarem muitas vezes confusas com relação às suas emoções, sentimentos, sofrimentos psíquicos, ansiedade, baixa autoestima, onde acontece tudo de uma forma intensificada e ao mesmo tempo.

As pessoas em situação de rua, desamparo, instabilidade emocional e financeira, falta de acesso às informações, são pessoas com predisposição ao uso, pois estabelece uma relação com a sensação de prazer e proporciona o esquecimento momentâneo do sofrimento como a rejeição, a solidão, a exclusão, frustração e tantos outros dilemas da vida, o que expõe as pessoas à margem da vulnerabilidade (Souza, Alvarenga, & Della Rina, 2009).

A proibição das drogas não impede o contato com as mesmas, e conforme o documentário aborda, os prejuízos são maiores, a fiscalização é mascarada e o monopólio de mercado para os traficantes é vasto, uma vez que é algo completamente desregulado, e o lucro é o único objetivo de quem domina o tráfico.

O proibir apenas não é sinônimo de êxito na prevenção, promoção e tratamento do uso das drogas, como demonstra o exemplo da “lei seca”, de nº 11.705, de 19 de junho de 2008. É conhecida pelo seu rigor no que diz respeito ao consumo de álcool por motoristas e foi aprovada com o intuito de diminuir os acidentes de trânsito causados por condutores alcoolizados. Além de proibir qualquer consumo de álcool, esta lei também proíbe a venda de bebidas alcoólicas ao longo de rodovias federais.

Poucos estudos foram feitos para constatar a sua efetividade, entretanto, numa pesquisa realizada na cidade de São Paulo, foi possível perceber uma diminuição de 28% nas internações hospitalares, 39,2% dos gastos hospitalares e 13,6% de mortalidade entre os dois semestres de 2008.



O álcool ainda é apontado como um dos principais fatores que causam os acidentes violentos de trânsito com vítimas fatais no Brasil, uma das maiores causas da mortalidade. Acredita-se que haja mais de 1,2 milhões de mortes por ano no mundo, em média 50 milhões sofrem lesões e 20% apontam sequelas graves como consequência (Bachhieri & Barros, 2008; Abreu, Lima, Matos, & Pillon, 2010).

As adversidades regionais refletem também no consumo de drogas, sendo alarmante a diferença do consumo de um estado para outro, de determinadas drogas. Um exemplo é a concentração do uso de cocaína que se destacava nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. Entretanto, deve-se considerar a existência de drogas lícitas como o álcool e o tabaco, que são distribuídas de forma uniforme em todo território nacional (Noto & Galduróz, 1999).

O uso abusivo de substâncias psicoativas nos dias atuais, tem se mostrado uma problemática complexa. Tanto o consumo, como o tráfico das drogas lícitas e ilícitas, promove consequências nos fatores externos como a violência, mortes, perdas afetivas, problemas familiares, acidentes de trânsito, trazendo também reflexos na saúde pública, se constituindo como um problema social (Souza & Kantorski, 2007).

Ébano Augusto, farmacêutico bioquímico que depõe no documentário, diz que o crack, a cocaína e o álcool são drogas viciáveis, entretanto, não são todos que viciam. Ébano apresenta uma visão com relação à redução de danos como uma estratégia usada em situações relacionadas ao uso abusivo do álcool e não para ser usada com os usuários de crack, já que muitas vezes não é possível enxergar uma diminuição dos prejuízos nestes usuários, apenas na abstinência total. É preciso evidenciar a importância de responsabilizar o usuário de uma forma que ele possa se cuidar.

O uso do álcool é visto como normal e natural entre as pessoas na sociedade contemporânea, no entanto, é considerado o mais problemático de todas as drogas, pois é a porta de entrada para as demais. Posteriormente, seguido do tabaco e de outras drogas. Através do uso destas se observa que o usuário passa por uma discriminação, onde a sociedade o exclui com a finalidade de diferenciar o perfil de camada social baixo, caracterizado pelas pessoas desempregadas e com precariedade da vida social.

Faz-se necessário salientar que as drogas estão associadas às minorias, como as pessoas negras e pobres. O fato da guerra no tráfico das drogas matar mais do que o próprio consumo, leva-nos a desconstruir o pensamento de que se faz guerras às drogas, mas sim, guerra às pessoas. Proporciona repensar quais são as melhores formas para que haja uma melhora na qualidade de vida individual, social e com relação a segurança, diminuindo até mesmo a mortalidade (Ronzani & Futado, 2010; Rosa, B. & Antoniassi Junior, 2017).



Taniele Rui comenta sobre a questão dos usuários de drogas que são chamadas de zumbis, como se socialmente não existissem. Outrora foram e ainda são considerados como loucos, ladrões, vagabundos, percebidos como objetos, sem ser levado em conta a sua singularidade, o que conseqüentemente acarretou por muitos anos, a internação dos mesmos em manicômios, sendo rejeitados.

Entretanto, a partir da reforma psiquiátrica houve uma diminuição significativa das internações que hoje são consideradas mínimas, se comparadas a alguns anos atrás. As internações involuntárias só ocorrem quando existe um risco de vida para o usuário ou para outros, e acontecem menos de 1% e as internações voluntárias são menores que 5% (Ronzani & Futado, 2010).

Diante destes dados, ressalta-se a importância de ações de políticas de redução de danos, devido ao caráter que visa minimizar os danos sociais e à saúde, associados ao uso de substâncias psicoativas por meio de uma estratégia de abordagem do fenômeno das drogas. Atualmente, está atuante na perspectiva transdisciplinar, ou seja, além da saúde, também a cultura, educação, assistência social, trabalho e renda, visando a garantia do cuidado e dos direitos (Lins, Pimentel & Uchôa, 2010).

O documentário apresenta também a rotina de Poliana, participante do 'Programa de braços abertos', que relata que acorda cedo, arruma os filhos para levá-los para a escola, tomam café, e vai trabalhar. Depois volta para casa para arrumá-la. Poliana conta não ter tido uma infância fácil, foi abandonada pela mãe, vivia em casas de famílias e de abrigo em abrigo. Em um desses locais, teve contato com as drogas, sendo elas o crack, a farinha e a maconha. Com seus 18 anos saiu do abrigo e foi morar em albergue.

Poliana foi presa por tráfico, mesmo não sendo traficante, entretanto, estava em companhia de sua parceira que era traficante. Após a denúncia, o fato de estar próxima, foi considerada cúmplice. Ela afirma será penas usuária, porém quando foi pega em flagrante estava com 5 pedras. E explica como se torna alvo facilmente ao parecer ser traficante, simplesmente pelo fato de subir e descer o fluxo várias vezes com a mesma pessoa. Os conflitos familiares, o fato de se sentir rejeitada pela mãe, uma vez que ela foi a única dos irmãos a ser entregue em abrigos, foi o que a levou a ser usuária.

Diego de Paula, frequentador do Centro de Convivência "É de Lei", diz ter uma rotina longe de casa em busca de um caminho diferente, e que acabou por encontrar um lar no Centro de Convivência, pois neste lugar se sente acolhido, e consegue suprir suas necessidades básicas.

Os albergues podem ser considerados uma estratégia de Redução de Danos, já que os frequentadores se sentem acolhidos, sentem que possuem um lar, onde podem tomar



banho, se alimentar e ter cama para dormir. Apesar de que cada um tem seus objetivos diferentes, todos convivem em uma mesma situação, sem que nenhum seja considerado melhor que o outro, evitando assim as comparações, as rejeições e tentando de alguma forma, amenizar esses sofrimentos (Alvares, Alvarenga, & Della Rina, 2009).

Podem ser considerados de suma importância porque também oferecem atividades que buscam a socialização, estratégias de articulação nas redes públicas, caso haja necessidade de encaminhamento, tendo como prioridade o objetivo de reintegração às famílias, a inserção na vida social, buscando emprego e renda fixa (Alvarez, Alvarenga & Della Rina, 2009).

Entretanto, alguns recusam a vaga em albergues, uma vez que a falta de segurança é questionada pois ocorrem furtos de objetos pessoais, as regras impostas são muitas rígidas, além de que as pessoas em situação de rua, estão acostumados a viver sem regras e horários definidos, e o fato de se separar de companheiros, animais e até familiares, também é relevante na decisão de ir ou não para os mesmos.

Ser um morador de rua cria uma dificuldade de integração social, tanto pelo preconceito por parte da sociedade, quanto pela dificuldade em seguir regras, onde às vezes, eles preferem continuar em situação de rua a se sujeitar às imposições sociais (Lovisi, 2000).

Roberto Porto, Secretário de Segurança Urbana de São Paulo, relata no documentário ser muito difícil fazer a diferenciação entre traficante e usuário frente ao fluxo. Já Cristiano Maronna, Doutor em Direito Penal pela USP, faz uma comparação entre o Brasil e outros países como o México, que preveem uma quantidade para cada indivíduo, para assim, ser facilitado julgar quem é o usuário e quem é o traficante.

No Brasil, é considerado usuário aquele que possui recursos para obter a droga, ou seja, quem consegue comprovar ser estudante ou trabalhador e que tem condições financeiras de manter o seu uso. Para os desempregados, a situação pode torna-se mais complicada. O documentário chama a atenção para o fato de que muitos traficantes são atuados como usuários pelo fato de conseguir comprovar uma escolaridade e que possuem recursos para obter a droga.

Em casos de usuários que possuem baixa escolaridade, muitas vezes jovens negros, do sexo masculino, com idade entre 18 a 29 anos, desempregados, sem antecedentes criminais, são presos em vias públicas com alguma quantidade de drogas. Mesmo desarmados e sozinhos, são considerados traficantes, sem ao menos uma investigação prévia de inteligência policial para averiguar se são realmente usuários ou traficantes (Garcia, Leal & Abreu, 2008).



Orlando Zaccone, Delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro, cita exemplo do usuário que acaba de receber seu salário, vai até a boca de fumo comprar suas trouxinhas de drogas para serem usadas no final de semana e coloca-as em um bolso. No outro bolso o restante do salário, é atuado e preso como traficante. Existe uma construção social que é cruel, pois aquele que não tem condições de fazer esta comprovação, que é considerado como traficante, muitas vezes pelo simples fato de preconceito.

Serviços públicos ou privados que focam em oferecer trabalho remunerado (ou não), estimulam o indivíduo a recuperar sentimentos que foram eliminados no início dos prejuízos causados pela droga, tais como a autoestima e a valorização dos seus atos, pois o simples fato de se sentir útil passa a ter grande significado. Devido aos estragos causados pela droga, acaba perdendo-os ao longo de sua vida, tornando-se um peso para todos do seu convívio (Lima, 2008).

Numa sociedade onde tudo precisa ser nomeado para ser reconhecido, o usuário de drogas acaba sendo prejudicado com a dificuldade em buscar ajuda, uma vez que gera preconceito, pois há uma associação do uso de drogas com a violência e o crime. Geralmente, quem usa drogas demora um tempo significativo para reconhecer que precisa desta ajuda, já que além do fato de existirem programas que podem oferecer apoio e que são conhecidos por toda a sociedade, este pedido de socorro gera um desconforto em quem necessita do serviço, pois ele sabe que estará exposto (Gonçalves, Silveira, & Baxter, 2006; Souza, & Antoniassi Junior, 2017).

Henrique Carneiro, professor e doutor em História, aborda no documentário a reflexão de que a sociedade impôs regras para fazer uma diferenciação social, baseada na separação das camadas sociais, onde as pessoas negras e com situação financeira precária, são consideradas marginais. Ou seja, a guerra às drogas não se baseou em fundamentos objetivos e científicos relacionados às substâncias que fossem mais perigosas, já que neste caso o álcool e o tabaco estariam no topo da lista devido à periculosidade, mas sim baseado no preconceito direcionado às pessoas negras e de baixa renda.

Carl Hart, Neurocientista, diz que pessoas pobres e negras são facilmente associadas às drogas, pois este fato ocorreu desde a presidência de Ronald Reagan que não se preocupava com as pessoas pobres, e principalmente com os negros. Se certa população não tem importância, pode facilmente ser associada a comportamentos ligados a coisas ruins que acontecem a ela. E foi exatamente como aconteceu com o crack, pois foi associado às minorias que não estavam em boas condições financeiras, principalmente aos negros, o que explica o fato dos mesmos não possuírem boas condições, já que sempre foram vítimas de preconceitos e socialmente intolerados.



O preconceito sofrido por pessoas de baixa renda acaba influenciando diretamente o envolvimento com as drogas, pois o fácil acesso e o rápido retorno financeiro, causam a ilusão de que a droga ajudará o sujeito a ter uma ascensão social mais rápida, sem ter a noção de que as consequências muitas vezes não valem a pena. Afinal, é um caminho que não termina sem algum tipo de prejuízo (Souza, Alvarenga, & Della Rina, 2009).

Roberta Marcondes, redutora de danos no Centro de Convivência 'É de Lei', traz um significado para a palavra dependência onde a partir do momento que alguém usa algo só pelas coisas boas que te trazem, é benéfico. Entretanto, a partir do momento que você não pode usá-la por algum motivo e isso se torna um problema, pode-se considerar uma dependência.

É importante salientar que não é só a droga que proporcionam a dependência, qualquer objeto pode causar este dano. Um exemplo é o celular, usado excessivamente pela sociedade contemporânea, porém quando é esquecido em casa, pode tornar-se um transtorno. A sociedade atual é uma sociedade de dependentes, é apenas uma questão do objeto eleito por cada um.

A sociedade se encontra no tempo da tecnologia e conseqüentemente exposta à mídia, o que é uma ferramenta essencial para programas de prevenção contra os danos causados pelas drogas, porém essa mesma exposição que ajuda, pode também prejudicar. No documentário, Denis Petuco, Cientista Social e Mestre em Educação, aborda a reprodução de um discurso presente em campanhas de prevenção e do jornalismo, que pode influenciar como uma forma de autorização para uso de drogas.

Além do mais, a maneira como é abordada, muitas vezes o usuário de drogas é diretamente associado ao crime trazendo como consequência a exclusão do mesmo, impossibilitando a sua recuperação e reinserção social.

É preciso muito cuidado com a forma como as informações são passadas, pois nem sempre quem está envolvido com drogas faz parte desse sistema que está ganhando mais espaço a cada dia, que é o tráfico (Romanini & Roso, 2012).

Bruno Logan, redutor de danos e criador do aplicativo de Redução de Danos, e expressa sobre a visão desta estratégia que faz a diferença na forma de como se colocar ao usuário, buscando sempre uma forma singular na tentativa do diálogo, levando em consideração cada caso com suas especificidades, como a cultura e a forma de uso.

Para ter acesso às drogas, não é necessário a companhia de terceiros, isso pode ser feito sozinho facilmente. Para entrar não há empecilho algum e permanecer também não, a grande dificuldade é sair, pois isso não pode ser feito sem a cooperação e envolvimento de



todos que convivem com o usuário, o que acaba se tornando uma das maiores barreiras nessa luta para recuperar o indivíduo.

Não basta apenas desintoxicar o usuário, pois esta é a parte mais fácil da recuperação, o desafio maior aparece quando o indivíduo já foi desintoxicado, pois as recaídas e o desejo quase incontrolável de voltar a fazer o uso serão constantes e sem o apoio e colaboração dos entes queridos, se torna quase impossível resistir (Queiroz, 2001).

Por fim, não é possível afirmar que as drogas são ruins, já que os usuários possuem a visão de que as drogas trazem prazer, alívio no sofrimento, na solidão, na rejeição, mesmo que por pouco tempo, mas é um momento de trégua entre os sentimentos que mexem profundamente com o seu emocional.

## **2 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As drogas não trazem prejuízos apenas para o usuário e sua vida, ela reflete também na sociedade, com prejuízos nas esferas afetivas, educacionais, produtivas e econômicas. Além do mais, causam problemas como violência, mortes, sofrimento aos familiares, com reflexos até mesmo na saúde pública.

A RD é uma estratégia que antes de tudo visa enxergar o usuário, sua singularidade e suas angústias, para que a partir desta perspectiva, seja possível pensar em estratégias que permitem que ocorra uma diminuição do uso de drogas, possibilitando o direito e a responsabilidade de cada um diante de sua vida. Esta estratégia contribui para que haja diálogo entre a sociedade e o usuário, dando voz ao mesmo e trabalhando a sua inserção social.

Diante de tantos problemas causados pelo uso das drogas, entende-se que é necessário que haja intervenções que possibilitem tanto uma qualidade de vida do usuário, quanto socialmente. Cada um possui sua singularidade, seus motivos, suas angústias, e não podem ser tratados iguais, é preciso que haja um olhar humanizado diante da situação, para possibilitar avanços.

A queixa de exclusão e preconceito sofridos é quase que unânime pelos usuários, o que mostra ser necessário uma interseção entre a rede, a sociedade e o mesmo, podendo ser o começo para intervenções que tragam resultados, através do acolhimento, da escuta, do plano terapêutico individualizado, programas sociais, inserção, entre outros.

Por fim, acredita-se que o problema com as drogas é também social, a sociedade tem obrigações e deveres que possam ajudar a possibilitar melhorias diante da vida do usuário, viabilizando enxergar mudanças na violência e em outros eixos afetados pelas



drogas. A educação, as informações e um olhar humanizado pode ser um grande começo para que se possa ter progressos diante de tantas destruições causadas pelas drogas.

### 3 REFERÊNCIAS

Arbex, D (2013). Holocausto brasileiro. *Copyright*, 1(1), 01-233.

Bacchieri, G, & Barros, A. J. D (2011). Acidentes de trânsito no Brasil de 1998 a 2010: muitas mudanças e poucos resultados. *Revista de Saúde Pública*, 45(5), 949-963.

Conte, Mayer. R. T. P; Reverbel.C; Zbruzzi. C; Menezes. C. B; Alves. G. T; et al; (2004). Redução de danos e saúde mental na perspectiva da atenção básica. *Boletim da Saúde*, 18(1), 01-19.

Fundação Osvaldo Cruz (Realizador) (2015). Repensar Crack [Documentário]. Rio de Janeiro: Fiocruz Vídeo/VSD.

Garcia, M. L. T., Leal, F. X; & Abreu, C. C (2008). A política antidrogas brasileira: velhos dilemas. *Psicologia & Sociedade*, 20(2), 267-276.

Gonçalves Moreira, F., da Silveira, D. X., & Baxter Andreoli, S (2006). Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(3), 807-816.

Larentis, C. P, & Maggi, A (2012). Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas e a Psicologia. *Aletheia*, 37, 121-132.

Lima, A. F (2008). Dependência de drogas e psicologia social: um estudo sobre o sentido das oficinas terapêuticas e o uso de drogas a partir da teoria de identidade. *Psicologia & Sociedade*. 20(1), 91-101.

Lovisi, G. M (2000). *Avaliação de distúrbios mentais em moradores de albergues públicos das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói* (Doctoral Dissertation).

Lins, J, Pimentel, P, & Uchôa, R (2010.). *Sobre drogas e redução de danos - o cotidiano dos profissionais de saúde no programa +Vida no Recife*. Recife.

Martins, M. C, & Pillon, S. C (2008). A relação entre a iniciação do uso de drogas e o primeiro ato infracional entre os adolescentes em conflito com a lei. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(5), 1112-1120.

Neves, E. A. S., & Segatto, M. L (2010). Drogas lícitas e ilícitas: uma temática contemporânea. *Revista da Católica*, 2(4).

Noto, A. R, & Galduróz, J. C. F (1999). O uso de drogas psicotrópicas e a prevenção no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1), 145-151.

Passos, E. H. & Souza, T. P (2011). Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de “guerra às drogas”. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 154-162.



Queiroz, I. S. D (2001). Os programas de redução de danos como espaços de exercício da cidadania dos usuários de drogas. *Psicologia: ciência e profissão*, 21(4), 2-15.

Romanini, M. & Roso, A (2012). Mídia e crack: promovendo saúde ou reforçando relações de dominação? *Psicologia Ciência e Profissão*, 32(1), 82-97.

Ronzani, T. M, & Furtado, E. F (2010). Estigma social sobre o uso de álcool. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(4), 326-332.

Rosa, B. S., Antoniassi Junior, G (2017). A constituição dos vínculos e Estilos Familiares quando os Filhos fazem uso das Drogas. *Revista Psicologia e Saúde em Debate*, 3(1), 127:140.

Sodelli, M (2010). A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(3), 637-644.

Souza, A. A. M., Alvarenga, A. T., & Della Riina, S. C. D. S (2009). Histórias de vida de moradores de rua, situações de exclusão social e encontros transformadores. *Saúde e Sociedade*, 18(2), 259-272.

Souza, M. C. & Antoniassi Junior, G (2017). O Perfil do Atendido e dos Profissionais que compõe o Tratamento das Drogas em Comunidades Terapêuticas. *Revista Psicologia e Saúde em Debate*, 2(2), 112-123.

Souza, J. & Kantorski, L. P (2007). Embasamento político das concepções e práticas referentes às drogas no Brasil. *SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 3(2), 01-18.

Souza, J, & Kantorski, L (2007). Embasamento político das concepções e práticas referentes às drogas no Brasil. *SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 3(2), 01-18.

Souza, T. P. & Carvalho, S. R (2014). Apoio territorial e equipe multireferencial: cartografias do encontro entre o apoio institucional e redução de danos nas ruas e redes de Campinas, SP, Brasil. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 18(Suppl. 1), 945-956.

Vargens, O. M. C. et al (2009). Uso de drogas ilícitas e perspectivas críticas de familiares e pessoas próximas na cidade do Rio de Janeiro, Zona Norte, Brasil. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 17, 776-782.